

CIDADES

Mulher - Violência

MEDO

Um tapa pode ser o primeiro, mas raramente é o último. Agressores de mulheres costumam repetir o crime, acobertados pelo perdão das companheiras

AS VÍTIMAS

Carlos Vieira/CB/Reprodução - 29/1/07



Rosemeire de Azevedo, 40 anos, moradora da Vila Telebrasil, assassinada com sete facadas, pelo ex-marido, em 29 de janeiro de 2007

Iano Andrade/CB/Reprodução - 6/2/07



Daniele Soares, 24 anos, moradora de Santa Maria, assassinada com 29 facadas, pelo marido, em casa, em 6 de fevereiro de 2007

Arquivo pessoal



Júlia Maria Cruvinel Ferreira, 44 anos, moradora do Gama, assassinada com facadas, pelo ex-marido, em 19 de janeiro de 2007

Abençoados pela covardia

FÁBIO GÓIS E MARCELA DUARTE

DA EQUIPE DO CORREIO

Monique Renne/Especial para o CB

Os homens não perdoam o perdão feminino. Surram uma vez, pedem desculpas, prometem mudar, e batem de novo — cada vez mais forte. É um ciclo macabro, com enormes chances de finais trágicos. A reincidência no crime é corriqueira. Sem ajuda profissional, poucos conseguem parar de agredir as companheiras. A melhor alternativa é não silenciar diante da violência. Roseni Pereira de Miranda, 38 anos, assessora parlamentar, não se calou.

A mulher que sobreviveu aos cinco tiros do marido, lutou pela condenação de seu algoz, hoje tenta esquecer o passado. Trabalha, estuda, cuida das filhas e tem esperança de reconstruir a vida. A assessora parlamentar termina em março o curso de Relações Internacionais no IESB. Foi no estacionamento da faculdade onde o ex-marido, João Xavier Ribeiro filho, 52, atacou o professor Elídio José Oliveira Gonçalves, 51, e o matou por ciúmes. A ex-mulher passou dias no hospital e gastou horas em fisioterapia para conseguir movimentar os braços e mãos. Condenado a 19 anos de prisão, João Ribeiro está preso na Papuda. Em dois anos, deverá pedir progressão do regime fechado para o aberto, e estará nas ruas.

“Tenho medo dele. Eu sobrevivi por milagre. Não acredito que ele tenha se recuperado na prisão. Ele ainda tem ódio de mim e avisou que vai se vingar”, conta Roseni. Com a família estacalhada pela dor e pelo medo, ela só pensa em cuidar das filhas, de 16 e 14 anos. Tem dificuldades financeiras para pagar as contas. Antes, tinha a colaboração do ex-marido. As meninas estudam em escola particular, mas não podem se dar ao luxo de ter aulas extras, como inglês e esportes.



ROSENEIDE MARTINS: CORAGEM PARA DENUNCIAR O EX-MARIDO QUE LHE ESPANCAVA

A assessora parlamentar arrepende-se de não ter denunciado antes o marido pelas surras que levou dele

durante 17 anos em que esteve casada. “Morávamos no interior de Minas Gerais e a família dele é influente.

Nunca acreditei que teria apoio da polícia. Acho que com a Lei Maria da Penha as mulheres terão mais coragem de denunciar. Pelo menos agora o agressor vai para a cadeia”, comentou.

As seqüelas do crime estão no corpo e na mente. A cicatriz resultado da bala que acertou sua traquéia curiosamente tem formato de coração. Roseni não tem vergonha de mostrar os braços, mãos e dedos com marcas dos mais de 100 pontos que levou. “Tenho dificuldades de segurar objetos com a mão esquerda. E tenho que fazer outra cirurgia para recuperar totalmente o movimento do dedo polegar”, disse.

Justiça tardia

Na madrugada de 27 agosto do ano passado, o fazendeiro Flávio Parente Macedo abusou sexualmente da enteada, distribuiu pauladas pelo corpo da ex-mulher, Roseneide Martins e assassinou o namorado dela, o médico Fábio Henrique de Oliveira, 41 anos. Depois de 119 dias de fuga, o fazendeiro se apresentou, está preso, e Roseneide afirma que teve que esperar uma tragédia acontecer para ver a justiça ser feita.

Roseneide e o fazendeiro ficaram casados durante nove anos. Em 2002, quando começou o processo de separação, Roseneide descobriu o perfil agressivo do ex-marido. “Quando viu que eu poderia ser independente, ganhar dinheiro e sustentar minhas filhas, ele quis me matar”, conta Roseneide. Depois da separação, foram quatro ocorrências, por ameaças, agressões. Segundo Rose, Flávio chegou a pagar cestas básicas, prestou serviço à comunidade como pena. “Para ele (Flávio), pagar cestas básicas não significava nada. Se na época tivessem deixado ele preso, um dia que fosse na cadeia, ele pensaria mais antes de fazer o que fez”, diz Roseneide.